

USO DE ANTIDEPRESSIVOS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REVISÃO NARRATIVA PARA IDENTIFICAR EVIDÊNCIAS DOS EFEITOS ADVERSOS AO SEU USO

Patricia Fabiola Szcapanik¹
Ellen Cavalheiro Goettert²
Ana Carolina Ruver-Martins³
Edvaldo Tonin⁴

INTRODUÇÃO

Fármacos psicotrópicos são substâncias químicas que atuam no sistema nervoso central ocasionando alterações de comportamento, humor e cognição. São compostos que agem sobre a função psicológica, alterando o estado mental, podendo-se destacar os medicamentos com ações antidepressiva, tranquilizante/ou alucinógena. O uso de psicotrópicos, principalmente os antidepressivos, tiveram um aumento expressivo, devido aos resultados positivos nos diagnósticos de transtornos psiquiátricos, do surgimento de novos fármacos no mercado farmacêutico e das inovadoras indicações terapêuticas de psicofármacos existentes no mercado (OMS, 2017).

Além disso, tais medicamentos são frequentemente utilizados em pacientes pediátricos, muitas vezes sem indicações claras ou acompanhamento especializado adequado. Esses agentes comumente são prescritos por médicos, como pediatras, médicos da família ou neurologistas, muitas vezes sem a especialização para tal. Como resultado, seu uso inadequado tem ocorrido em pacientes jovens, bem como abusos ocasionais, especialmente no uso de antipsicóticos em pacientes adolescentes e até crianças (SOARES, 2018).

Embora grande parte dos desvios comportamentais das crianças seja devido à opressão social, alguns podem ser baseados em fatores genéticos, biológicos ou familiares. Os médicos não têm meios para corrigir os problemas da sociedade, mas podem fornecer aos pacientes e

¹Graduanda do Curso de Farmácia do Centro de Ensino Superior de Foz do Iguaçu - CESUFOZ, patriciaszcapanik@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Farmácia do Centro de Ensino Superior de Foz do Iguaçu - CESUFOZ, ellengoettert@hotmail.com;

³Professora do curso de farmácia: Farmacêutica. Prof. Me. do Centro de Ensino Superior de Foz do Iguaçu - CESUFOZ, ana.gomes146@docente.suafaculdade.com.br;

⁴Professor orientador: Farmacêutico. Prof. Me. do Centro de Ensino Superior de Foz do Iguaçu - CESUFOZ, edvaldosti@hotmail.com;

seus familiares ferramentas terapêuticas, como psicotrópicos, visando melhorar os sintomas angustiantes dos transtornos psiquiátricos. Quando esses agentes são utilizados adequadamente na terapia em crianças ou adolescentes, eles podem obter benefícios clínicos significativos (MOREIRA, 2014).

Ao usar psicotrópicos em crianças ou adolescentes, vários princípios fundamentais precisam ser levados em conta. O uso de destes fármacos é basicamente um tratamento destinado a melhorar os sintomas, uma vez que eles não têm propriedades curativas. Existem muitas doenças que podem ter sintomas-alvo semelhantes e todas elas devem ser identificadas antes de iniciar sua farmacoterapia, pois o tratamento dependerá do processo subjacente (SOARES, 2018).

É essencial realizar uma avaliação diagnóstica diferenciada e considerar diferentes abordagens terapêuticas, juntamente com o uso de psicotrópicos. A introdução e a administração do tratamento medicamentoso devem fazer parte de um plano terapêutico que leve em conta todos os aspectos da vida de uma criança; não deve ser apenas uma alternativa a outras intervenções ou administrada somente quando outras intervenções falharam (RODRIGUES, 2019).

MATERIAIS E MÉTODOS

Para elaboração da narrativa foram utilizados artigos de revistas indexadas na base de conhecimento Scielo, Google Acadêmico, Bibliotecas Virtuais, Pubmed, dentre outros artigos que colaboraram sobre a questão em estudo.

O período de recorte de materiais foi de Março a Julho de 2021, os conceitos examinados foram: “antidepressivos”, “psicóticos”, “depressão”, “crianças e adolescentes” e “efeitos adversos”.

Assim, foram revisados 70 artigos referentes ao tema na literatura completa dos textos foram descartados 60 manuscritos por abordar o assunto de forma similar ou no contexto sem contribuir ao assunto em questão. Ao final foram utilizados 10 documentos para a presente revisão narrativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pesquisas mostram que a população adolescente está mais predisposta em sofrer de depressão, afetando a população jovem em qualquer território nacional. Suas consequências são

múltiplas, dependendo da intensidade de seus sintomas, a funcionalidade de várias das áreas de adaptação pode ser parcial ou totalmente afetada, “no campo educacional tem-se mostrado que esse problema impacta negativamente os alunos, diminuindo seu desempenho acadêmico e seu desenvolvimento afetivo e social” (VALENÇA, 2020).

Como tratamento para estes distúrbios tem-se utilizado os psicofármacos, que representam uma das alternativas para a abordagem abrangente dos transtornos mentais da primeira infância e adolescentes. Porém, é importante considerar que a intervenção farmacológica requer uma avaliação cuidadosa e minuciosa do estado físico e mental da criança ou adolescente, e também precisam ser identificados sintomas e comportamentos que representem um problema para a criança, adolescente ou para os pais. Além disso, é necessário exames clínicos, se não tiverem sido solicitados pelo médico remetente e outros de acordo com o medicamento a ser utilizado para tratamento (MOREIRA, 2017; DE SOUZA, 2018; AFONSO, 2018).

Como regra geral, crianças e adolescentes precisam de doses proporcionalmente mais baixa do que o administrado na população adulta. O metabolismo hepático das drogas é mais eficiente devido ao aumento da atividade dos processos de oxirredução. Da mesma forma, a função renal é mais eficaz devido à maior taxa de filtração glomerular e há um menor volume de distribuição representado por uma menor quantidade de tecido adiposo. Além disso, percebe-se uma menor absorção da droga à medida que aumenta a acidez gástrica (SILVA BARBOSA, 2020).

Os antidepressivos produzem a inibição da recaptação de dopamina, norepinefrina ou serotonina. Já os tricíclicos têm sido os mais amplamente usados e sua administração geralmente está associada a efeitos anticolinérgicos e anti-histamínicos, como também a incômodos como a visão turva, boca seca, constipação, sedação e aumento peso. Antes de iniciar o uso de um antidepressivo tricíclico, é necessário solicitar um eletrocardiograma de linha de base e alguns exames durante acompanhamento com o paciente. Além disso, o manuseio de antidepressivos tricíclicos deve ser cuidadoso pela possibilidade de intoxicação com ou sem intenção. Essas drogas podem causar desconforto gástrico, diarreia, dor de cabeça, inquietação, tontura e calafrios (MARANE, 2015; ARAUJO, 2019; RODRIGUES, 2019).

Os medicamentos estabilizadores de humor são indicados principalmente no manejo farmacológico profilático do transtorno bipolar em meninos, meninas e adolescentes. Os efeitos colaterais mais comuns associados com a administração de anticonvulsivantes são os sedação, náusea, vômito e intolerância gástrica, os menos comuns de observar, leucopenia, hepatite ou

dermatite esfoliativa; no entanto, o controle é necessário com testes hemáticos e de lesão hepática (REIS, 2015; DE SOUZA, 2018; FONTANA, 2019; DILER, 2020; SILVA, 2020).

Os ansiolíticos de ação mais rápida são os benzodiazepínicos. Seu mecanismo de ação se concentra na medida em que aumentam o efeito do neurotransmissor inibitório mais importante, ácido gama-amino-butírico ou GABA. Os benzodiazepínicos são indicados para o tratamento de transtorno de ansiedade de separação de curto prazo, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno do pânico, disomnias e parassonias. A maioria dos efeitos colaterais comuns de seu uso são sedação, deterioração no funcionamento cognitivo e, ocasionalmente, desinibição ou excitação motora, é importante que se observe que os efeitos ansiolíticos rápidos podem representar um risco de abuso e dependência para os pacientes adolescentes (JUNIOR, 2019; NERI, 2020).

Os antipsicóticos são um conjunto de drogas cuja ação principal atua no bloqueio do receptor de dopamina. Estas substâncias são metabolizadas de modo mais rápido na população infantil, doses mais baixas são necessárias para atingir o efeito terapêutico. Além disso, as crianças apresentam uma suscetibilidade especial a efeitos colaterais mediado por maior densidade e sensibilidade de receptores de dopamina (VALENÇA, 2020).

Os efeitos colaterais indesejáveis mais comuns são sedação, prejuízo cognitivo, ganho de peso, acne e movimentos extrapiramidais, dependendo da droga específica. Os antipsicóticos são indicados para o tratamento de transtornos de tiques, incluindo transtorno de tiques Tourette, transtorno autista, esquizofrenia de início tardio na infância ou adolescência e, em alguns casos, muito específico para transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e transtornos de conduta, considerando sempre o risco de discinesia tardia (NUNES, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A depressão é uma doença clínica grave que pode acarretar graves distúrbios na vida da criança e do adolescente. Familiares, educadores e profissionais de saúde devem ser vigilantes pois os sintomas de depressão na adolescência podem passar despercebidos.

Diversos estudos evidenciam que o uso de antidepressivos por crianças e adolescentes ocasionam efeitos adversos, como: visão turva, boca seca, constipação, sedação, aumento peso, possibilidade de intoxicação, desconforto ou intolerância gástrica, diarreia, dor de cabeça, inquietação, tontura, calafrios, náusea, vômito, deterioração no funcionamento cognitivo e, ocasionalmente, desinibição ou excitação motora, dependência química, acne.

Dessa forma conclui-se que os antidepressivos quando utilizados por crianças e adolescentes deve ocorrer de forma sensata e sob acompanhamento médico especializado para que a terapia surta efeitos onde os benefícios superem em muito os possíveis riscos ou reações indesejáveis, proporcionando uma melhora na qualidade de vida do paciente.

Palavras-chave: Antidepressivos; Psicóticos; Depressão; Crianças e adolescentes; Efeitos adversos.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Camila; GUARNIÉRI, Débora Bruno. Depressão na infância e adolescência e o uso de antidepressivos. Revista de Trabalhos Acadêmicos da FAM, v. 3, n. 1, 2018.

ARAÚJO, Jessica Salvador Areias de et al. Exposição pré-natal a antidepressivos e risco de transtornos psiquiátricos e do neurodesenvolvimento em crianças: Uma revisão sistemática. 2019;

SILVA BARBOSA, Eliane Soares; RODRIGUES, Kaele Da Silva Rocha; DE CARVALHO ABREU, Clézio Rodrigues. Antidepressivos utilizados por adolescentes assistidos no centro de atenção psicossocial (CAPS II) em Cidade Ocidental -GO. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 3, n. 7, p. 329-335, 2020;

SOUZA, Gabriel Ferreira; DE CARVALHO ABREU, Clezio Rodrigues; DOS SANTOS, Walquiria Lene. Uso de psicofármacos em crianças e adolescentes. Revista de Iniciação Científica e Extensão, v. 1, n. Esp 2, p. 220-225, 2018;

DILER, RasimSomer; BIRMAHER, Boris. Transtornos bipolares em crianças e adolescentes. 2020.

REIS, Joelma Augusta et al. Lítio tratamento de primeira escolha no tratamento bipolar: Uma breve revisão. Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, v. 6, n. 1, p. 27-37, 2015;

FONTANA, DarielliGindri Resta; DE SOUZA, NeilaSantini; DA MOTTA, Maria Da Graça Corso. Características de crianças e adolescentes que vivem com doença crônica. In: 6º Congresso Internacional em Saúde. 2019.

JUNIOR, Camargo et al. Estilo parental e problemas de comportamento em crianças e adolescentes em Foz do Iguaçu: determinação dos fatores associados. 2019.

MARANE, Suellen Susan de Godoy. Influência dietética na química cerebral. 2015.

MOREIRA, Mateus Silvestre et al. Uso de psicofármacos em crianças e adolescentes. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, v. 12, n. 2, p. 1013-1049, 2014.

NERI, João Vítor Denis. Uso de ansiolíticos e antidepressivos por acadêmicos da área da saúde: uma revisão bibliográfica. *BrazilianJournalofDevelopment*, v. 6, n. 9, 2020.

NUNES, Magda Lahorgue; BRUNI, Oliviero. Insomnia in childhoodandadolescence: clinicalaspects, diagnosis, andtherapeutic approach. *Jornal de Pediatria (Versão em Português)*, v. 91, n. 6, p. S26-S35, 2015.

RODRIGUES, Graziela Smaniotto. Princípios básicos da Psicofarmacologia na Infância e Adolescência. 2019.

SILVA, Elizabeth Louisy Marques Soares da et al. Cuidados em saúde bucal a crianças e adolescentes com paralisia cerebral: percepção de pais e cuidadores. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 3773-3784, 2020.

SOARES, Mariana. Fraga.; MARTINS, Karla Patricia Holanda; CAMPOS, Renata Carvalho. *A criança e o adolescente em sofrimento psíquico* 2018.

VALENÇA, Renata Cristiny Pereira; GUIMARÃES, Shayane Barros; DA PAIXÃO SIQUEIRA, Lidiany. Prescrição e uso de antidepressivos em crianças e adolescentes–uma revisão da literatura. *BrazilianJournalofDevelopment*, v. 6, n. 12, p. 94860-94875, 2020.

World Health Organization. Ministério da Saúde (BR). A reportofthe assessment ofthe mental health system in Brazilusingthe World Health Organization – Assessment Instrument for Mental Health Systems (WHO-AIMS) [Internet]. Brasília (DF): World Health Organization; 2007 [cited 2017 Jun 13]. 51 p. Availablefrom: http://www.who.int/mental_health/evidence/who_aims_report_brazil.pdf.